

Videofonograma

Marcelo Vaz Pupo⁷⁴

Resumo

Pensar a imagem em movimento como artifício disparador de significações que cingem o tema da dissertação, que dê e que abra visibilidade ao acervo que reuni do mundo camponês aquilo que me irrompe e aquilo que penso ser suas erupções - estas pautadas pelo nucleação política que a movimentação social organizada no campo gera e coaduna. Neste universo, que semânticas (visuais) são translúcidas, ou pretende-se que sejam, e quais não se fixam, não são dadas nem estabelecem referência na gramática do real? O vídeo é eleito como linguagem que manifesta a instabilidade fronteira entre reminiscência e imaginação; educação, arte e divulgação; estética e política.

Palavars-chave: Política; Imagem; Estética; Campesinato.

Abstract

Moving images could be a device aweakening meanings related with master studies subjects, which gives visibility to the peasant world – how could it breaks our identity beliefs, what are its eruptions – these ones guided by the organized political movement in countryside, like landless social movement. In this universe, which visual meanings are translucent, or intended to be, and which are not fixed, are not given nor establish in the “real world”? The video is elected as a language that expresses instability border between recollection and imagination, education, art and cientific disclosure, aesthetics and politics.

Keywords: Politics; Image; Aesthetics; Peasantry.

1. Introdução

*"A política é essencialmente estética, ou seja, está fundada sobre o mundo sensível, assim como a expressão artística. Por isso, um regime político só pode ser democrático se incentivar a multiplicidade de manifestações dentro da comunidade"*⁷⁵

São experimentações imagéticas pautadas nessa compreensão que formam margens reflexivas no fazer pesquisa em divulgação científica e cultural. A imagem, ao permitir conexões não-lineares, oferece um artefato propositivo para lidar com as impermanências

⁷⁴Aluno do Mestrado em Divulgação Científica e Cultural do Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor) e do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

⁷⁵Entrevista de Jacques Rancière a Revista Cult, encontrada no site

“<http://revistacult.uol.com.br/home/2010/03/entrevista-jacques-ranciere/>”, acesso em 15/junho/2013.

conceituais, as nossas próprias - efetivando o aspecto propositivo - as da sociologia, da antropologia, pedagogia e da própria agroecologia, confrontando o cerne paradigmático que preconiza horizontalidade entre conhecimento acadêmico e não-acadêmico - uma modalidade do ser consequente no reconhecimento da multiculturalidade comunitária? Faz compreender a insuficiência institucional apenas constatar esta (nova?) ciência não reverberada - ou plena de incômodo - por seu próprio corolário.

Essa concepção imagética fez-me compreender a peça chave que faltava para dar sentido ao desejo de investigar a agroecologia e as movimentações cidade-campo - uma materialidade que enfim condiz, congruência com o fim a que se destina. Afinal como tratar a vigorosa promiscuidade entre centralidade popular da agroecologia e sua vertente acadêmica sem prefixá-la com "trans": transdisciplinar, transformadora, transgressiva, transversal, transverberada, transluzida de enredo científico que enseja outra abordagem teórico-metodológica, uma particular existencialidade agroecológica que experimenta o enlace de Félix Guattari (1990) entre o mundo subjetivo, mundo social e o mundo da natureza.

Há realidades (e identidades) sendo reeditadas e há comuns: imagens desconcertantes tanto quanto ocupação de terra são movimentos - enquadres ou sociais - que cartografam no real diferenciais concretos e abstratos, rearranjam e singularizam num contexto de símbolos e ideias massificadas, desenriquecidas. Imagens desvinculantes e ação social transgressora atribuem interferência ao real postulado (oficial ficção). E elas assustam. A conjura dos falsários é vista como inimigo poderoso: À ruptura na ficção de Estado sobrevém a ideia de uma força subversiva, relativizadora da razão instrumental; À potência do falso sobrevém a vontade de verdade instaurando regimes de exclusão e supressão de discursividade desviante (PELLEJERO, 2009). Nada de novo no front? É testemunha o escrivão da coroa portuguesa, a lavrar postulação (no) real - contemporânea à decretação da capitania hereditária é a sumária determinação que garantia à metrópole exclusividade de impressão e publicação textual, reservando à colônia a severidade punitiva - mortal - de quem ousasse imprimir palavra dissonante à realeza.

Há, portanto, dessintonias neste artefato propositivo (em processo de criação) quanto ao tema e quanto à linguagem. O embate permanece e se dá sob o signo dos latifúndios, agrário e aéreo, das ondas no ar, emissoras e suas (públicas) concessões. Que elementos inventivos permitiriam compartilhar estes significados? que experimentassem amalgamar, indistintamente, os atravessamentos que nos compõem, ciência, cidade, memória, arte,

registro, pesquisa... provocar as fronteiras, nossos reducionismos introjetados, nossa capitania subserviente? E ainda assim que sejam política e esteticamente localizados?

2. Desenvolvimento

As imagens que as chamadas agriculturas populares fazem proliferar - intencionalmente ou não -, seus en-signos⁷⁶ talhados ao fogo da lembrança nas rotinas muito nossas, fagulhando desde dentro pelo miolo do íntimo sem que apercebamos, memória recorrente, imorredoura. Resta alguma sobriedade ou coragem pra rever e re-esculpir o tempo desvelando contra-modernidades no risco de reincidir arcaicas lavouras? O que o sonho claro desse amanhã forjaria na memória de futuro? É terno o retorno ao campo? O olhar que se lança sobre as agriculturas populares acaba por enxergar o que? Reciprocidade? Colaboração? Arcaísmo? Subversão? Acaba por se deparar com a herança tempo-espacial que nos reflete como um espelho suspeito - enxergar o outro e desvelar-me...

Que potência existe no ato de recriar a unidade básica da vida social não por indivíduos, mas por um duplo que se nomeia como "nós-eu" (RIBEIRO, 2005)? Esta visão parece indicar amplos horizontes, preenchidos da atmosfera que revigora o fôlego da existência humana, num desmergulho da realidade aparentemente imutável, chapada e lacrada.

Surge a pergunta "quem é o camponês?", pois soa-me como se perguntasse de mim mesmo, "quem é o camponês-eu?". Esta personagem que geração após geração vem re-existindo como uma imanência da terra fértil; Que vida ele-eu tem? Que terra-território, material e imaterial, ele fia e desfia, como quem, ao semear o chão pro fruto colher, refaz o gesto de dez, doze, quinze mil anos? Quem são estes seres que, fecundando a mãe-terra se tornam, sem perceber, guardadores de rebanhos, sentinelas do amor?

Que territórios são esses, fundados sobre este modo de vida que se reinventa na permanência? Que tessituras esse modo de vida produz? O que na vida destes indivíduos marca sua persistência, seu sertão? - "sertão é onde o pensamento da gente se forma mais forte do que o poder do lugar" (GUIMARÃES ROSA, 2006). O que em suas vidas enreda o aprendizado-cuidado com a terra, marcada por atos como colher, plantar, semear, podar, arar,

⁷⁶Alik Wunder (2007) nos mostra que ensinar tem suas próprias marcas, deixam signos, tal qual a luz que sublinha dizeres sobre os suportes sensíveis à ela. O trabalho com imagens ganha perguntas interessantes - que "ensignos" queremos elaborar? que dimensões de nossas identidades gostaríamos de manter persistida?

revolver, esperar, esperar? Muitas vezes a surpresa se apresenta à minha frente, prato de comida sobre a mesa, e permito passagem às imagens que parecem narrar-me a estória dela, contando-me do caminho até ali - mãos, vento, broto, brisa, carro, cavalo-caminhão, bicho, sombra, gentes, mato, quitanda, supermercado, carrinho, meu prato. Linha desnovelada, numa ponta o prato na outra o mato. Mas a sensação é de que este novelo não termina, sem fim, talvez nem pontas ele tenha, e aí essas coisas todas da terra e do alimento inspirem mais a ideia de fios dentro de fios, semente da semente - as sementes são como retratos condutores de ancestralidades, de infinitos detalhes, mas se preenchem de uma consistência monstruosa, pois carregam em si o padrão de sempre: terra, germe, nasce, broto, planta, semente e gente. Elas e nós somos uma verdadeira imagem fractalizada: condutores de ancestralidades e infinitudes no mesmo retrato de múltiplas escalas - fractais camponeses, fractais do pensamento mais forte que o lugar, fractais do sertão, em mim.

Impressiona ver em "Grande Sertão", de Guimarães Rosa (2006), uma leitura tão vigorosa em sua proposta de nos arrebatam os sentidos quanto aos sentidos do lugar. Ao contar de si, o ser-sertão Riobaldo, protagonista da estória, faz-nos visitar nossos próprios sertões; saber o que somos em qualquer "onde" que estamos.

Que forma de agir e pensar é esta, destes sujeitos do campo, que resiste à morte da memória e com ela persistida (pois intrínseca a eles e nós todos) reelabora o real, a práxis, a vida (não só a deles, mas do conjunto)? Quais marcas nos fazem, quais são seus "en-signos" e processos de aprendizagem? Das inúmeras imagens que desse corpus se sucedem, quais se quer fazer emergir? Aquelas que conotam ações contra-hegemônicas? Que fazem propostas frente à crise? Que identificam novas subjetividades no perene conflito de reinventar-se? Que emergem das mutações existenciais derivadas deste processo de recampesinização (PETERSEN, 2009)? Que cristalizam conscientemente interpretações das novas ruralidades do campo? Que expõem a metamorfose da (nossa-minha) memória imortal?

As imagens das agriculturas populares podem gerar um continuum no existir, misterioso e fora do alcance da razão pura - impuras, contaminadas, despurificadas, enriquecidas pelas emoções, sentidos corporais e incorporais, existires memoráveis e imemoráveis.

Este "educandário" da agricultura popular engaja territorialidades que tencionam no sentido de apontar fissuras cruciais da contemporaneidade. Em mim, este engajamento parece projetar um fluxo, em contraponto às fixações arcaicas, à estagnação. Parece-me que o "dar a

existir" das agriculturas populares geram e regeneram universos de referência que pontuam singularidades, distanciando-se da subjetividade normalizada.

Em contraposição ao "normalizado", Guattari (1990) monta o discurso da singularidade de modo a desmontar os arranjos-chave da "sociedade capitalística" - desconstruir as subjetividades que estão a serviço desta sociedade através da emergência de novos "universos de referência" e "territórios existenciais".

A imagem em sua potencialidade delinea caminhos comunicativos livres da inteligibilidade discursiva que limita. A interação de recorrência cotidiana com o mundo rural nos une profunda e singularmente, o que alimenta o ente "camponês-eu". Voltar nosso olhar desvelador para esta identidade talvez faça avançar a compreensão de que a confiança recíproca deste duplo ser é um suporte fundamental do viver social. Parece haver aqui um patrimônio exclusivo, e movimentá-lo pela imaginação seja algo valioso.

O trabalho com as imagens pode catalisar o entendimento da reciprocidade que une o rural e o urbano, em muitos momentos marcada pela invisibilidade e intransponibilidade. Quais poéticas políticas aqui se visualizam? Tal qual o anúncio do pássaro que canta "bem-te-vi", bem vemos o que? O que está à vista? O que mal vejo? O que mal vejo, imagino? O que está ao alcance da percepção imagética, da imaginação? A partir dos sujeitos que protagonizam este encontro e de suas memórias (imortais), o processo criativo caminha pela formulação de "Bem-te-vis imagéticos" destas movimentações.

Numa primeira experimentação, buscou-se redigir "videofonograficamente" um discurso que se apoia em algumas experiências pessoais, fruto de projetos de extensão, pesquisa e atividades políticas autônomas. Ocupação de monoculturas, cotidiano de assentamentos rurais e entrevistas com agricultores fizeram parte do "repositório" utilizado na edição deste videofonograma. São imagens e sons que localizam e dispersam, repetem-se de acordo com as referências trazidas - palavras, gestos, entonações, coloração, timbres, tonalidades das trajetórias de vida de camponeses com distinta origem geográfica e cultural, mas que têm pela terra e pelo ato de interpretá-la uma intenção em comum. Se existe algum anseio em delimitar um encadeamento entre imagens e sons, ele só se expressa nas polifonias dos atores ali presentes, cujas falas e dizeres são portadoras de memória e estória pessoais, contextos afetivos, mas que compõem, em conjunto, um único arco-íris sonoro - na intenção de terra, na política de broto em flor que renasce e alimenta. Esta característica de inventar a terra e misturá-la com vida parece ser algo universal, mas só o é na sincronia com o local -

uma "globalização", às avessas, que universaliza na diferença, e assim escapam a todo instante do normativo e da massificação política e subjetiva, do discurso único (VIDEOFONOGRAMA, 2012).

Não deixa de existir nessa proposta o risco das armadilhas que pretende-se evitar. Ao exercitar olhares sobre este encontro pode ser identificado algum ponto cego, algum reducionismo marcante, uma insensibilidade tácita, um olhar embrutecido. Onde estamos colonizados? Onde nos minimalizamos e passamos a ser dominados? Certamente somos feito do que nos indigna. Mas na síntese do eu-camponês, este trabalho pretende enxergar "comunicabilidades" que permitam exatamente este auto-entendimento, este auto-olhar: ver com os olhos, os olhos que se vê. Talvez seja a única maneira de vermos que mundo construímos, que ilusões nos servem de alicerce. Percebido a partir deste encontro com o outro, as limitações ganham a nuance do objeto que se quer transformar - "des-ausentá-las", torná-las perceptíveis para alimentar o ciclo de nosso próprio devir.

3. Referências

GUATTARI, Félix. **As Três Ecologias**. Tradução: Maria Cristina F. Bittencourt. Editora Papyrus, Campinas, SP. 1990.

GUIMARÃES ROSA, João. **Grande Sertão: Veredas**. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 2006.

PELLEJERO, Eduardo. **A Postulação da Realidade, filosofia, literatura, política**. Edições Vendaval, Lisboa, Portugal. 2009.

PETERSEN, Paulo (org.). **Agricultura Familiar Camponesa na Construção do Futuro**. AS-PTA. 2009.

RIBEIRO, Ana Clara Torres. Outros territórios, outros mapas. OSAL : **Observatório Social de América Latina**. Ano 6 no. 16 (jun.). Buenos Aires : CLACSO, 2005.

VIDEOFONOGRAMA. Vídeo produzido por Marcelo Vaz Pupo a partir de pesquisas e atividades em ocupações de terra e assentamentos rurais. Campinas, 2012. Disponível em: <<http://vimeo.com/55544080>>. Acesso em: 20 jan. 2013.

WUNDER, Alik. **Restos quase mortais: fotografia, acontecimento e escola**. In: 31ª Reunião Anual da ANPEd, Caxambu, 2007.